

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

SETEMBRO DE 1862

Nº 9

Inauguração de um Grupo Espírita em Bordeaux

DISCURSO DE ABERTURA

A despeito de certa má-vontade, multiplicam-se diariamente os grupos espíritas. Para nós é um prazer e um dever apresentar aos nossos numerosos leitores o discurso pronunciado em Bordeaux, na inauguração de um deles, pelo seu fundador, Sr. Condat, em 20 de março de 1862. A maneira pela qual a séria questão do Espiritismo nele é encarada prova, agora, quanto são compreendidos o seu objetivo essencial e o seu verdadeiro alcance. Sentimo-nos felizes em dizer que tal sentimento é hoje geral, porque em toda parte a curiosidade dá lugar ao desejo de instrução e de melhora. Foi o que pudemos constatar nas visitas que fizemos a várias cidades do interior. Vimos o seu interesse pelas comunicações instrutivas e a sua estima pelos médiuns que as recebem. Isto é um fato característico na história do estabelecimento do Espiritismo. Não conhecemos de modo algum o grupo ao qual nos referimos, mas julgamos suas tendências pelo discurso de inauguração. O orador não teria sustentado essa linguagem na presença de um auditório leviano e superficial,

reunido para se distrair. São as reuniões sérias que dão uma idéia séria do Espiritismo. Eis por que nunca seria demais estimular a sua multiplicação.

Senhoras e Senhores,

Pedindo aceiteis os meus agradecimentos pela benevolente acolhida ao meu convite, permiti vos dirija algumas palavras sobre o motivo de nossa reunião. Em falta de talento, espero, ao menos, que encontreis a convicção de um homem profundamente devotado ao progresso da Humanidade.

Muitas vezes o viajor intrépido, aspirando a atingir o topo de uma montanha, encontra estreito atalho obstruído por uma rocha. Muitas vezes também, no curso das idades, a Humanidade que tende a aproximar-se de Deus encontra o seu obstáculo: seu rochedo é o materialismo. Ela estaciona por algum tempo, talvez séculos; mas a força invencível a que obedece, agindo em razão da resistência, triunfa do obstáculo e a Humanidade, sempre convidada a marchar avante, retoma a caminhada com um impulso mais vivo.

Não nos admiremos, pois, senhores, quando se manifestar uma dessas grandes idéias que melhor denunciam a origem celeste do homem, quando se produz um desses fatos prodigiosos que vêm perturbar os cálculos restritos e as observações limitadas da ciência materialista; não nos espantemos e, sobretudo, não nos deixemos desencorajar pelas resistências que se opõem a tudo quanto possa servir para demonstrar que o homem não é apenas um pouco de barro, cujos elementos serão restituídos à terra depois da morte.

Antes constatamos, e constatamos com alegria, nós, adeptos do Espiritismo, filhos do século dezenove, o qual, por sua vez, foi a manifestação mais completa, por assim dizer a

encarnação do cepticismo e de suas desanimadoras conseqüências; constatemo-lo: a Humanidade está em marcha!

Vede o progresso que aqui faz o Espiritismo, nesta bela, grande e inteligente cidade; vede como por toda parte a dúvida se apaga às claridades da ciência nova.

Contemos, senhores, e confessemos com sinceridade, quantos de nós ainda na véspera, com um sorriso de incredulidade nos lábios, estamos hoje com o pé na estrada e o coração decidido a não recuar? Compreende-se: estamos na corrente e por ela somos arrastados. Que é, então, essa doutrina, senhores? Aonde nos conduz?

Levantar a coragem do homem, sustentá-lo nos seus desfalecimentos, fortificá-lo contra as vicissitudes da vida, reanimar sua fé, provar-lhe a imortalidade da alma, não só por demonstrações, mas por fatos: eis a doutrina, eis aonde ela conduz!

Que outra doutrina produzirá sobre o moral e sobre o intelecto melhores resultados? Será a negação de uma vida futura que lhe poderão opor como preferível, no interesse da Humanidade inteira e para a perfeição moral e intelectual de cada homem isoladamente?

Tomando por princípio as palavras que resumem o materialismo: “Tudo acaba quando se abre o túmulo” – o que é que se consegue produzir com essa máxima, senão o nada? Experimento uma espécie de sensação penosa, um pudor por haver feito um paralelo entre esses dois extremos: a esperança de encontrar, num mundo melhor, os nossos entes queridos, cujas almas abriram as asas, e o horror invencível que experimentamos, que o próprio ateu experimenta, ao pensamento de que tudo se aniquilaria com o derradeiro suspiro da parte mortal de nosso ser, bastaria para repelir toda idéia de comparação. No entanto, senhores, se todas as consolações encerradas no Espiritismo não

passassem de crença, se fossem apenas um sistema de pura especulação, uma engenhosa ficção, como objetam os apóstolos do materialismo, para submeterem inteligências fracas a certas regras, chamadas arbitrariamente virtude e, assim, retê-las fora dos sedutores apetites da matéria, compensação que num dia de piedade o autor dessa ordem fatal, que dá tudo a uns e reserva o sofrimento à maioria, a esta teria concedido para atordoá-la. Senhores, para as inteligências fortes, para o homem que sabe fazer uso legítimo da razão, não seriam essas engenhosas combinações, estabelecidas como conseqüências de um princípio sem base e como simples fruto da imaginação, um tormento a mais, acrescentado aos tormentos de uma fatalidade a que não poderiam subtrair-se?

Sem dúvida a demonstração é uma coisa admirável; prova, antes de tudo, a razão humana, a alma, essa abstração da matéria. Mas até esse dia seu ponto de partida único foi esta máxima de Descartes: “Penso, logo existo.” Hoje, o Espiritismo veio dar uma força imensa ao princípio da imortalidade da alma, apoiado em fatos tangíveis, irrefutáveis.

O que precede explica como e por que estamos aqui reunidos. Mas, senhores, deixai-me ainda comunicar-vos uma impressão que sempre senti, um desejo constantemente renovado, cada vez que me encontro em presença de uma sociedade que tem como escopo o aperfeiçoamento do homem moral. Eu gostaria de ter estado na primeira reunião, participado das primeiras comunicações de alma para alma dos fundadores, presidido ao desenvolvimento do germe da idéia que, como o grão tornado gigante, mais tarde produziu frutos abundantes.

Pois bem, senhores! hoje, que tenho a honra de vos reunir para propor a formação de um novo grupo espírita, minha idéia tem plena aceitação; e, como eu, peço conserveis no coração, na memória, a data de 20 de março.

Agora, senhores, é tempo de passar à prática: talvez eu me tenha demorado muito. Sem transição, para reparar a perda do tempo, largamente concedido para alguns desabafos, abordarei o objetivo de nossa reunião, pedindo que vos previniais contra uma objeção que, naturalmente, se apresentará em vosso espírito, como se apresentou no meu, quanto à indispensável necessidade de *médiuns*, quando se quer formar um grupo espírita. Eis aí, senhores uma aparente dificuldade, e não uma dificuldade. Para começar, ficai certos de que nossas reuniões não se tornarão estéreis pela simples ausência de médiuns. Esta é uma idéia que vos apresento, pedindo a vossa opinião. Procederemos assim:

A primeira parte de cada sessão seria dedicada à leitura de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. A segunda seria consagrada à formação de médiuns entre nós e, acreditai, senhores, se seguirmos os conselhos e os ensinamentos dados nessas obras de nosso venerado chefe, Sr. Allan Kardec, a faculdade mediúnica não tardará a se desenvolver na maior parte de nós, ocasião em que os nossos trabalhos receberão sua mais doce, mais larga recompensa, porquanto Deus, o grande Criador de todas as coisas, o juiz infalível, não se enganará quanto ao bom uso que queremos fazer da preciosa faculdade mediúnica. Não deixará, pois, de nos dar a mais bela recompensa que pudéssemos ambicionar e permitir que um de nós, pelo menos, obtenha tal faculdade no mesmo grau de vários médiuns sérios que, nesta noite, temos a felicidade de contar em nosso meio.

Nossos bem-amados irmãos Gourgues e Sabò, que tenho a honra de vos apresentar, assistindo à nossa sessão inaugural, quiseram dar-lhe um mais alto grau de solenidade. Que eles nos dêem a esperança – nós lhes suplicamos – e que, com a freqüência que lhes for possível, nos venham visitar. Sua presença fortificará a nossa fé e avivará o ardor de alguns de nós que, ante o insucesso dos primeiros ensaios mediúnicos, poderiam cair no desalento.

Sobretudo, senhores, não nos extraviemos. Prestemos conta de nossa empresa e de seu objetivo. Enganar-se-ia seriamente aquele que fosse tentado a participar do novo grupo que iremos formar apenas movido pela esperança de encontrar distrações fúteis e fora da verdadeira moral apregoada pelos Espíritos bons.

“O fim essencial do Espiritismo – disse nosso venerado chefe – é o melhoramento das criaturas. Nele só se deve procurar aquilo que pode ajudar o progresso moral e intelectual. Enfim, não se deve perder de vista que a crença no Espiritismo só é proveitosa àquele de quem se possa dizer: Ele hoje é melhor que ontem.”

Assim, não esqueçamos que o nosso pobre planeta é uma estação purgatorial, onde, na atual existência, expiamos as faltas cometidas nas precedentes. Isto prova uma coisa, senhores: que nenhum de nós pode dizer-se perfeito, porque, enquanto tivermos faltas a expiar, reencarnaremos. Nossa presença na Terra atesta, pois, a nossa imperfeição.

O Espiritismo fincou as balizas da estrada que conduz aos pés de Deus. Marchemos sem jamais as perder de vista. A linha traçada pelos Espíritos bons, geômetras da Divindade, está rodeada de precipícios; as urzes e os espinhos são as suas margens. Não lhes temamos os ferimentos. Que são tais feridas, comparadas à felicidade eterna, que acolherá o viajor que chegou ao termo de seu percurso?

Esse termo, esse objetivo, senhores, há muito é objeto de minhas meditações. Abarcando o meu passado com um olhar, e voltando-me para reconhecer o espinheiro que me havia ferido, o obstáculo que me tinha feito tropeçar no atalho, não deixei de fazer o que faz todo homem, ao menos uma vez na vida: o balanço, por assim dizer, das alegrias e das mágoas, dos bons momentos de coragem e das horas de desânimo. E, com a cabeça sossegada, a alma livre, isto é, concentrada em si mesma, desprendida da

matéria, disse de mim para mim: A existência humana não passa de um sonho, mas de um sonho horroroso, que começa quando a alma ou Espírito encarnado da criança se esclarece aos primeiros lampejos da inteligência, para terminar no desfalecimento da morte. A morte! Esta palavra de terror para tanta gente, na verdade é apenas o despertar desse sono horrível, o benfeitor socorrista que nos liberta do pesadelo insuportável que nos acompanha, passo a passo, desde o nascimento.

Falo em geral, mas não de maneira absoluta. A vida do homem de bem não tem mais esses mesmos caracteres; aquilo que fez de bom, de grande, de útil, ilumina com puras claridades o sonho de sua existência. Para ele, a passagem da vida à morte é feita sem transição dolorosa; nada deixa atrás de si que possa comprometer o futuro de sua nova existência espiritual, recompensa de seus benefícios.

Mas, ao contrário, para aqueles que, cegos voluntários, tiverem constantemente fechados os olhos para melhor negarem a existência de Deus, que se tiverem recusado à contemplação do sublime espetáculo de suas obras divinas, provas e manifestações de sua bondade, de sua justiça, de seu poder, direi que terão um terrível despertar, cheio de amargos lamentos, sobretudo por haverem desconhecido os benéficos conselhos de seus irmãos espíritas; o sofrimento moral que terão de suportar durará até o dia em que um arrependimento sincero desperte a piedade divina, que lhes concederá a graça de uma nova encarnação.

Muitas pessoas ainda vêm nas comunicações espíritas a obra do demônio; no entanto, seu número diminui cada dia. Essa feliz diminuição deve-se evidentemente à curiosidade, fazendo com que as pessoas visitem os grupos espíritas ou leiam *O Livro dos Espíritos* e porque no número dos curiosos encontram-se criaturas que se convencem, sobretudo entre as que lêem aquele livro. Porque, senhores, não creiais poder atrair muitos adeptos à nossa

sublime doutrina, fazendo-os, primeiramente, assistir às nossas sessões. Não; tenho a íntima convicção de que uma pessoa completamente estranha à doutrina não se convencerá pelo que vir em nossas reuniões; antes estará pronta a rir dos fenômenos do que os levar a sério.

Quanto a mim, senhores, terei feito muito mais pela nova doutrina quando, em vez de levar alguém para assistir a uma de nossas sessões, eu fizer com que ele leia *O Livro dos Espíritos*. Ao ter certeza de que a leitura foi feita e deu os frutos que deveria produzir, oh! então levo com satisfação aquela pessoa a um grupo espírita, porque só nesse momento tenho certeza de que se dará conta de tudo quanto vir e ouvir; e aquele que provavelmente riria antes da leitura desse livro, apresentará efeitos diametralmente opostos. Não quero dizer que chore.

E para terminar, senhores, nada melhor que uma citação³⁵ de *O Livro dos Espíritos*; ela convencerá, mais do que o permitem os meus fracos argumentos, àqueles que ainda duvidam da verdadeira base sobre a qual repousam as crenças espíritas:

“Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo, proclamam, *ipso facto*, a força do Espiritismo, porque jamais poderia tornar-se universal uma idéia sem fundamento e destituída de lógica. Assim, se o Espiritismo se implanta por toda parte, se, principalmente nas classes cultas, recruta adeptos, como todos facilmente reconhecerão, é que tem um fundo de verdade. Baldados, contra essa tendência, serão todos os esforços dos seus detratores e a prova é que o próprio ridículo, de que procuram cobri-lo, longe de lhe amortecer o ímpeto, parece ter-lhe dado novo vigor, resultado que plenamente justifica o que repetidas vezes os Espíritos hão dito: ‘Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que contra vós fizerem se tornará a vosso favor e

35 N. do T: Vide o item V – *Conclusão* – de *O Livro dos Espíritos*.

os vossos maiores adversários, sem o quererem, servirão à vossa causa. Contra a vontade de Deus não poderá prevalecer a má vontade dos homens.’

Condat

Carta do Sr. Dombre a um Pregador

Tendo pregado em Marmande durante o mês de maio último, o dominicano padre F..., em seu último sermão, resolveu atirar algumas pedras contra o Espiritismo. O Sr. Dombre desejava uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, e que o padre F..., em vez de limitar-se a ataques banais, abordasse resolutamente certas questões de detalhes; mas, temendo que seu nome não tivesse bastante mérito para o decidir, escreveu-lhe a carta a seguir, sob o pseudônimo de *Um católico*:

“Sr. Pregador,

“Acompanho com assiduidade vossas instruções dogmáticas de todas as noites. Por uma fatalidade deplorável, cheguei sexta-feira um pouco mais tarde que de costume e soube, ao sair da igreja, que havíeis iniciado, sob a forma de escaramuça, um ataque contra o Espiritismo. Alegro-me por isso, em nome dos católicos fervorosos.

“Se bem me informaram, eis as questões abordadas: 1^o – O Espiritismo é uma religião nova, do século dezenove; 2^o – Há, incontestavelmente, comunicação com os Espíritos; 3^o – Nas comunicações com os Espíritos, bem constatadas, bem reconhecidas, vós vos encarregais de provar, depois de longos e sérios estudos que fizestes do Espiritismo, que os Espíritos que se comunicam não passam do demônio; 4^o – Finalmente, seria perigoso, do ponto de vista da salvação da alma, cuidar do

Espiritismo antes que a Igreja se tenha pronunciado a respeito. Apreciei bastante este quarto artigo, mas, se se reconhece previamente que é o demônio, a Igreja nada mais tem a fazer⁴².

Eis quatro questões importantes que estou ansioso por ver resolvidas, a fim de confundir, num mesmo golpe, os *espíritas* e os *católicos de nome*, que nem crêem no demônio nem nas penas eternas, mas admitem um Deus e a imortalidade da alma, e os *materialistas*, que em nada acreditam.

À primeira questão – *o Espiritismo é uma religião* – respondem os espíritas: Não; o Espiritismo não é uma religião, nem pretende ser uma religião. O Espiritismo se baseia na existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço e que são apenas as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos. Esses seres, que nos rodeiam incessantemente, exercem sobre os homens, mau grado seu, uma grande influência; representam um papel muito ativo no mundo moral e, até certo

42 Se a Igreja ainda não se pronunciou, a questão do demônio não passa de uma opinião individual, sem sanção legal. E isto é tão certo que nem todos os eclesiásticos a compartilham; dentre estes conhecemos muitos. Até mais ampla informação, é permitida a dúvida e, desde já, pode ver-se que a doutrina do demônio tem pouco domínio sobre as massas. Se a Igreja a proclamasse oficialmente, seria de temer que desse julgamento resultasse o que resultou da declaração de heresia e da condenação outrora pronunciada contra o movimento da Terra, como ocorreu em nossos dias com os anátemas lançados contra a Ciência a propósito dos seis períodos da criação. Cremos que o clero seria mais sábio e prudente se não se apressasse em decidir a questão, afirmando uma coisa que atualmente provoca mais incredulidade e mais riso do que medo e na qual podemos atestar que muitos padres não crêem mais do que nós, porque é ilógica. Expor-se a receber um desmentido no futuro e depois se ver forçado a reconhecer o erro, é prejudicar a autoridade moral da Igreja, que proclama a infalibilidade de seus julgamentos. Seria melhor que se abstinisse.

Aliás, digam o que disserem e façam o que quiserem contra o Espiritismo, prova a experiência que sua marcha é irresistível; é uma idéia que se implanta por toda parte com prodigiosa rapidez, porque satisfaz, ao mesmo tempo, à razão e ao coração. Para o deter seria preciso opor-lhe uma doutrina que satisfizesse mais, e certamente não será a do demônio e a das penas eternas.

A. K.

ponto, no mundo físico. O Espiritismo está na Natureza e pode dizer-se que, numa certa ordem de coisas, é uma força, como, sob outro ponto de vista, o é a eletricidade e a gravitação. O Espiritismo desvenda-nos o mundo invisível; não é novidade, já que é mencionado pela história de todos os povos. Repousa sobre princípios gerais, independentes de toda questão dogmática. Tem conseqüências morais, é verdade, no sentido do Cristianismo, embora não tenha culto, nem templos, nem ministros; cada um pode fazer de suas opiniões uma religião, mas daí para a constituição de uma nova Igreja a distância é grande. Portanto, o Espiritismo não é uma nova religião. Eis, senhor pregador, o que dizem os espíritas quanto à primeira questão.

“À esta mesma questão *riem os falsos católicos e os materialistas*. Os primeiros, os felizes deste mundo, riem contrafeitos, pois a doutrina que comporta a pluralidade das existências ou reencarnações lhes fere os prazeres e o orgulho. Voltar numa condição talvez inferior – coisa horrível! – nem pensar. Os espíritas lhes dizem: ‘Eis a justiça, a verdadeira igualdade.’ Mas essa igualdade não lhes convém. Os *materialistas*, espíritos fortes e compostos de pretensos sábios, riem à vontade porque não acreditam no futuro: a sua sorte e a do cãozinho que os acompanha são absolutamente as mesmas, e eles preferem que seja assim.

“À segunda questão – *há comunicação com os Espíritos* – os espíritas e nós, católicos fervorosos, estamos de acordo; os falsos católicos e os materialistas estampam o riso da incredulidade.

“À terceira questão – *só o demônio se comunica* – os espíritas riem por sua vez; os materialistas também riem, zombando dos que acreditam nas comunicações e dos que, nelas crendo, as atribuem aos demônios. Os falsos católicos silenciam, como se dissessem: *Isto é lá convosco*.

“À quarta questão – *é preciso esperar o pronunciamento da Igreja* – dizem os espíritas: ‘Dia virá em que a crença no Espiritismo se tornará tão comum, tão espalhada que a Igreja, a menos que queira ficar só, será forçada a seguir a corrente. Então o Espiritismo se fundirá no catolicismo e o catolicismo no Espiritismo.’ A esta questão o materialista ri ainda e diz: ‘Que me importa!’, e o falso católico sente uma espécie de despeito. Como disse acima, não poderá acomodar-se a esta doutrina; seu egoísmo e seu orgulho ficam chocados; repele a eventualidade dessa fusão. ‘É impossível, diz ele, o Espiritismo não passa de uma utopia, que não dará quatro passos no mundo’⁴³.

“Aceitai, etc.

Um católico fervoroso.”

Sobre o assunto, assim se expressa o Sr. Dombre, numa carta dirigida a Bordeaux:

“O abade F.. procurou saber quem era o espírita e não o católico fervoroso que lhe havia escrito aquela carta. Seus emissários vieram a mim e me disseram: O abade F.. precisaria de sete ou oito sermões para lhe responder, mas não dispõe de tempo; mesmo assim queria saber o nome de quem se trata. Respondi: Garanto-lhes que o autor da carta dar-se-á a conhecer, caso o abade

43 Há falsos católicos, verdadeiros católicos e materialistas que utilizam essa linguagem. Que o tivessem dito há alguns anos, poder-se-ia conceber. Mas nos últimos quatro ou cinco anos ele deu tantos passos e os dá todos os dias que, em breve, terá atingido o seu objetivo. Procurai na História uma doutrina que tenha percorrido tanta distância em tão pouco tempo. Em presença desse resultado inaudito de uma propagação contra a qual vêm quebrar-se todos os raios e todas as zombarias; que cresce na razão da violência dos ataques, é, na verdade, muita ingenuidade dizer que o Espiritismo é simples fogo de palha. Se assim é, por que tanta cólera? Deixai, pois, que ele se apague sozinho. Nós, que assistimos de camarote à sua marcha, que lhe acompanhamos todas as peripécias, vemos a sua conclusão; agora é chegada a nossa vez de rir.

lhe resposta do púlpito. Parece que aqui sabem, por experiência, que quanto mais se fala contra o Espiritismo, mais prosélitos se fazem; assim, acharam melhor guardar silêncio, pois o abade F.. partiu sem voltar ao assunto.

“Dir-me-eis que talvez haja um pouco de temeridade em querer entrar na liça; conheço as necessidades de nossa localidade; é preciso barulho. Os inimigos sistemáticos ou interesseiros do Espiritismo apenas querem o mutismo e eu os quero ensurdecer com discussões. Em torno dos incrédulos que discutem sempre há indiferentes ou predispostos a crer, que tiram proveito da luta, relativamente à instrução espírita. – Mas, pensareis e talvez digais, saireis honrosamente dessas polêmicas? – Ah! meu Deus! Quando se é assinante da *Revista Espírita* e se leu todos os livros da doutrina; quando se está mergulhado de corpo inteiro nos argumentos em que ela se apóia e nos que são dados pelos Espíritos que se comunicam, a gente sai como Minerva, armado dos pés à cabeça, sem nada temer.”

Observação – Dizem: “Credes na reencarnação, mas a pluralidade das existências é contrária aos dogmas, que admitem apenas uma. Por isto mesmo estais fora da Igreja.”

A isto repetiremos o que temos dito inúmeras vezes: “Outrora expulsastes da Igreja, anatematizastes, excomungastes e condenastes como heréticos os que acreditavam no movimento da Terra.” Respondereis: “Isto foi num tempo de ignorância.” – Seja. Mas se a Igreja é infalível, deveria sê-lo outrora como hoje, não podendo a sua infalibilidade ser submetida às flutuações da ciência mundana. Mas ultimamente, e apenas há um quarto de século, neste século de luz, não tem ela igualmente condenado as descobertas científicas que dizem respeito à formação do globo? O que aconteceu agora? E o que teria acontecido se ela persistisse em repelir de seu seio todos os que acreditam nessas coisas? Não mais haveria católicos, nem mesmo o papa. Por que, então, teve a Igreja de ceder? É porque o movimento dos astros e sua formação repousam nas leis da Natureza e porque, contra essas leis, não há opinião que possa prevalecer.

Quanto à reencarnação, de duas, uma: ou existe, ou não existe; não há meio-termo. Se existe, é porque está nas leis da Natureza. Se um dogma diz o contrário, trata-se de saber quem tem razão, se o dogma ou a Natureza, que é

obra de Deus. A reencarnação não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que pode ser adotada ou recusada: é um fato ou não é. Se é um fato, e por mais que não agrade a todo o mundo, nada do que disserem a impedirá de ser um fato.

Acreditamos firmemente – falamos por conta própria – que a reencarnação, longe de ser contrária aos dogmas, dá uma explicação lógica de vários deles, fazendo com que sejam aceitos pela maioria dos que os repeliam, porque não os compreendiam. A prova disto está no grande número de pessoas trazidas às crenças religiosas pelo Espiritismo.

Mas admitamos essa incompatibilidade, se quiserdes. Neste caso, apresentaremos a questão sem rodeios: “Quando a pluralidade das existências for reconhecida como uma lei natural – o que não tardará muito – e quando todos reconhecerem esta lei como a *única* compatível com a justiça de Deus, e como a *única* que pode explicar o que, sem ela, é inexplicável, que fareis?” – Fareis o que fizestes com o movimento da Terra e os seis dias da Criação; e não será difícil conciliar o dogma com esta lei.

A.K.

O Espiritismo numa Distribuição de Prêmios

Um de nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris dá-nos ciência da carta a seguir, por ele dirigida às diretoras do pensionato onde está uma de suas filhas, nesta capital.

“Senhoras,

“Rogo que me permitais algumas reflexões sobre um discurso pronunciado na distribuição de prêmios do vosso pensionato. Minha condição de pai de família e, sobretudo, de pai de uma de vossas alunas, dá-me algum direito a esta apreciação.

“O autor do discurso, estranho ao vosso estabelecimento e, segundo me disseram, professor do Colégio C..., permitiu-se longos gracejos, não sei bem a propósito de quê,

sobre a ciência espírita e os médiuns. Tivesse ele emitido a sua opinião sobre a matéria em outra circunstância e eu o compreenderia. Mas perante um auditório como aquele em que falava, na presença de jovens confiadas aos vossos cuidados, permiti vos diga que a questão era inconveniente e que o tema foi mal escolhido para quem busca causar forte impressão.

“Entre outras coisas, disse aquele senhor que as pessoas que se ocupam de experiências das mesas e outros fenômenos ditos espíritas, ou de ordem psicológica, são prestidigitadoras, patetas ou estúpidas.

“Incluo-me, senhoras, no número dos que se ocupam do assunto e não o escondem; e tenho certeza de não ter sido o único em vossa reunião. Não tenho a pretensão de ser sábio como o vosso orador e, nessa condição, talvez eu seja um estúpido. Todavia, a expressão é bastante indelicada quando dirigida a pessoas desconhecidas e quando se generaliza. Mas com toda certeza minha posição e meu caráter põem-me ao abrigo do epíteto de prestidigitador. Aquele senhor parece ignorar que essa estupidez conta hoje seus adeptos aos milhões no mundo inteiro e que os supostos prestidigitadores se acham até nas mais altas camadas da sociedade, sem o que teria ele refletido que suas palavras poderiam dirigir-se a mais de um de seus ouvintes. Se ele provou, por esse ataque intempestivo, uma falta de tato e de civilidade, também provou que falava de uma coisa que jamais estudou.

“Quanto a mim, senhoras, há quatro anos estudo, observo, e o resultado de minhas observações convenceu-me, como a tantos outros, de que, em certas circunstâncias, o mundo material pode entrar em relações com o mundo espiritual. As provas do fato eu as tenho tido aos milhares, por toda parte, em todos os países que visitei, e sabeis que as tenho tido, e muitas, em minha família, com minha esposa, que é médium sem ser prestidigitadora, com parentes, com amigos que, como eu, procuram a verdade.

“Não penseis, senhoras, que eu tenha acreditado num primeiro impulso e sem exame. Não. Como disse, estudei e observei conscienciosamente, friamente, com calma e sem idéia preconcebida, não tendo sido senão depois de madura reflexão que tive a felicidade de me convencer da realidade de tais coisas. Digo felicidade porque – eu o confesso – não sendo o ensino religioso que houvera recebido suficiente para esclarecer minha razão, tornei-me céptico. Agora, graças ao Espiritismo, às provas patentes que ele fornece, já não o sou, porque pude assegurar-me da imortalidade da alma e de suas conseqüências. Se é isto que aquele senhor chama de estupidez, ao menos deveria abster-se de o dizer na presença de vossas alunas, que bem poderão e talvez mais cedo do que pensais, dar-se conta dos fenômenos cujo véu lhes levantaram. Para tanto bastará que entrem no mundo. A nova ciência aí faz grandes e rápidos progressos, eu vo-lo garanto. Então não é de temer que elas façam esta reflexão: Se nos induziram em erro sobre esta matéria; se nos quiseram ocultar a verdade, não nos poderão ter enganado sobre outros pontos? Na dúvida, a mais vulgar prudência aconselha a abstenção. Em todo caso, nem era o lugar, nem o momento de tratar semelhante assunto.

“Julguei meu dever, senhoras, transmitir-vos as minhas impressões. Rogo-vos que as acolhais com a vossa bondade habitual.

“Aceitai, etc.

A. Gassier

38, rue de la Chaussée-d’Antin”

Observação – Como o Espiritismo se alastra por toda parte, é muito raro que não se encontre, numa assembléia qualquer, certo número de adeptos. Entregar-se a ataques virulentos contra uma opinião que cresce sem cessar; servir-se de expressões ofensivas perante um auditório que não se conhece é expor-se a molestar as pessoas mais respeitáveis e, por vezes, a ver-se chamado

à ordem. Fazê-lo numa reunião que, mais que qualquer outra, exige, por sua natureza, a estrita observância das conveniências, onde toda palavra deve ser um ensino, é um erro. Se uma dessas jovens, cujos pais se dedicam ao Espiritismo, lhes disser: “Sois prestidigitadores, patetas e estúpidos”, não poderia ela desculpar-se dizendo: “Foi o que me ensinaram na distribuição de prêmios?” Faria aquele senhor semelhante ataque contra os protestantes e os judeus, afirmando que todos são heréticos e danados? Contra tal ou qual opinião política? Não, porque há poucos pensionatos onde não haja alunos cujos pais professam diferentes opiniões, políticas ou religiosas, e ele temeria melindrar estes últimos. Pois bem! fique ele sabendo que hoje, somente na França, há tantos espíritas quantos judeus e protestantes e, logo mais, serão tão numerosos quanto os católicos.

Aliás, ali como em toda parte, o efeito será contrário à intenção. Eis uma porção de moças, naturalmente curiosas, muitas das quais jamais ouviram falar de tais coisas e que quereão sabê-lo na primeira ocasião; experimentarão a mediunidade e, inevitavelmente, algumas delas triunfarão; falarão com as suas companheiras e assim por diante. Se lhes proibis que se ocupem de tais coisas e as amedrontais com a idéia do diabo, será uma razão a mais para que o façam às escondidas, pois quereão saber o que lhes dirá o diabo. Não ouvem falar diariamente dos bons diabos, dos diabos cor-de-rosa? Ora, aí está o verdadeiro perigo, porquanto, inexperientes e não dispendo de um guia prudente e esclarecido, poderão achar-se sob uma influência perniciosa, da qual não saberão livrar-se, podendo resultar graves inconvenientes porque, à vista da proibição feita e temendo uma punição, nada ousarão dizer. Proibir que escrevam? Nem sempre é fácil: os mestres do pensionato sabem algo sobre isto. Mas que faríeis com as que se tornassem médiuns videntes e audientes? Tapar-lhes-íeis os olhos e os ouvidos? Eis, senhor orador, o que pode produzir o vosso discurso imprudente, com o qual certamente ficastes muito satisfeito.

O resultado é completamente diverso nos filhos educados pelos pais nessas idéias. Em primeiro lugar, nada têm a ocultar, sendo assim preservados dos perigos da inexperiência; depois, cedo isto lhes dá uma piedade raciocinada, que a idade fortifica e não pode debilitar. Tornam-se mais dóceis, mais submissos, mais respeitadores; a certeza da presença dos pais mortos, que os vêem incessantemente, com os quais podem conversar e dos quais recebem sábios conselhos é, para eles, um freio poderoso, pelo medo salutar que os genitores inspiram. Quando a geração for educada nas crenças espíritas, ver-se-á outra juventude, mais estudiosa e menos turbulenta. Já se pode julgar isto pelo efeito que tais idéias produzem nos jovens que delas estão imbuídos.

Perseguições

Tendo em vista que a zombaria se desgastou contra a couraça do Espiritismo, e servindo mais a propagá-lo do que a desacreditá-lo, seus inimigos ensaiam um outro meio que, prenunciamos, não dará melhores resultados e, provavelmente, ainda fará mais prosélitos; esse meio é a perseguição. Diremos que fará mais por uma razão muito simples: é que, levando a sério o Espiritismo sua importância cresce extraordinariamente. E, depois, quanto mais uma causa faz sofrer, mais nos apegamos a ela. Sem dúvida hão de lembrar-se das belas comunicações dadas sobre os mártires do Espiritismo e que publicamos na *Revista* do mês de abril último. Esta fase foi anunciada pelos Espíritos há muito tempo. Disseram eles:

“Quando virem a impotência da arma do ridículo, experimentarão a da perseguição; não mais haverá mártires sangrentos, mas muitos irão sofrer em seus interesses e em suas afeições; procurarão desunir as famílias, reduzir os adeptos à fome, importuná-los com alfinetadas, por vezes mais dolorosas que a

morte. Mas ainda aí encontrarão almas fortes e dedicadas, que saberão afrontar as misérias deste mundo, tendo em vista um futuro melhor. Lembrai-vos das palavras do divino Salvador: ‘Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.’ Tranqüilizai-vos: a era da perseguição, na qual em breve entrareis, será de curta duração e os vossos inimigos colherão apenas vergonha, porquanto as armas que empregarem contra vós se voltarão contra eles.”

Começou a era predita. De vários lados se nos revelam atos lamentáveis, praticados pelos ministros de um Deus de paz e de caridade. Não falaremos das violências feitas à consciência, expulsando da Igreja aqueles que a ela conduz o Espiritismo. Como esse meio deu resultados mais ou menos negativos, buscaram outros mais eficazes. Poderíamos citar localidades onde pessoas que vivem de seu trabalho foram ameaçadas de verem cortados os seus recursos; outras, onde os adeptos foram apontados à execração pública, sendo perseguidos pelos moleques de rua; outras onde expulsam das escolas as crianças cujos pais se dedicam ao Espiritismo; uma outra, onde um pobre professor foi demitido e reduzido à miséria, porque tinha em casa *O Livro dos Espíritos*. Deste último recebemos comovente prece em versos, impregnada dos mais nobres sentimentos e da mais sincera piedade. Acrescentemos que um espírita benfeitor estendeu-lhe a mão caridosa; acrescentemos ainda que, em tais circunstâncias, foi ele vítima de infame traição, por parte de um homem no qual havia confiado e que parecia entusiasmado por aquele livro.

Numa pequena cidade onde o Espiritismo conta numerosos partidários, um missionário disse do púlpito, na última quaresma: “Espero que no auditório só haja bons fiéis, e que não existam judeus, nem protestantes, nem espíritas.” Parece que confiava muito pouco em sua palavra, para converter os que tivessem vindo ouvi-lo com o objetivo de se esclarecerem. Numa comuna, perto de Bordeaux, quiseram impedir que mais de cinco

espíritas se reunissem, sob o pretexto de que a lei a isto se opunha, obrigando uma autoridade superior a restaurar a legalidade. Desse pequeno vexame resultou que hoje três quartos dessa comuna são espíritas. No Departamento de Tarn-et-Garonne os espíritas de várias localidades quiseram reunir-se e foram acusados de conspiração contra o governo. Essa ridícula acusação caiu bem depressa, como tinha de ser, e provocou risos.

Em compensação contaram-nos que um magistrado havia dito: “Ai quem dera se todo o mundo fosse espírita! Nossos tribunais teriam menos a fazer e a ordem pública nada teria a temer.” Manifestou assim uma grande e profunda verdade, uma vez que já se começa a perceber a influência moralizadora que o Espiritismo exerce sobre as massas. Não é um resultado maravilhoso ver homens, sob a influência dessa crença, renunciarem à embriaguez, aos hábitos de libertinagem, aos excessos degradantes e ao suicídio? Homens violentos tornarem-se pacatos, afáveis, pacíficos e bons pais de família? Homens que blasfemavam o nome de Deus, orando com fervor e aproximando-se piedosamente dos altares? E são justamente tais homens que expulsais da Igreja! Ah! rogai a Deus a fim de que, caso ele ainda reserve dias de provação à Humanidade, haja muitos espíritas, porquanto estes aprenderam a perdoar aos inimigos e consideram como primeiro dever do cristão estender-lhes a mão no momento do perigo, em vez de lhes pisar o pescoço.

Um livreiro da Charente escreveu-nos o seguinte:

“Não temi anunciar abertamente minhas opiniões espíritas; pus de lado as mesquinhas mundanas, sem me preocupar se o que fazia viria ou não prejudicar o meu comércio. Entretanto, estava longe de esperar o que me aconteceu. Se o mal se tivesse limitado a alguns aborrecimentos, pouco seria. Mas, ah! graças aos que pouco compreendem a religião, tornei-me a ovelha negra do rebanho, a peste do bairro; sou apontado como o

precursor do anticristo. Usaram de toda influência, até mesmo a calúnia, para me derrubar, para afastar meus clientes, numa palavra, para arruinar-me. Ah! os Espíritos nos falam de perseguições, de mártires do Espiritismo. Não me orgulho com isso, mas, seguramente, estou no número das vítimas. É verdade que minha família sofre com isso; tenho, porém, o consolo de uma esposa que partilha de minhas idéias espíritas. Estou ansioso para que meus filhos estejam em idade de compreender esta bela doutrina; faço questão de esclarecê-los nessa bela crença. Que Deus me conserve a possibilidade – façam o que fizerem para me retirar – de os instruir e os preparar para, por sua vez, lutarem, se preciso for. Os fatos que relatastes em vossa revista de maio têm uma analogia surpreendente com o que me aconteceu. Como o autor da carta, fui repellido impiedosamente do confessionário; antes de tudo o vigário queria que eu renunciasse às minhas idéias espíritas; por causa dessa imprudência, ele jamais me verá nas cerimônias religiosas. Se pratico um mal, deixo a responsabilidade ao seu autor.”

Extraímos as passagens que se seguem de uma carta que nos foi enviada de uma aldeia dos Vosges. Embora estejamos autorizados a revelar o nome do autor e a localidade, não o faremos por razões de conveniência, que todos haverão de compreender; mas temos a carta em mão para usá-la como melhor nos parecer. Dá-se o mesmo com todos os fatos que apresentamos e que, conforme sua maior ou menor importância, mais tarde farão parte da história do estabelecimento do Espiritismo.

“Não sou muito versado em literatura para tratar dignamente do assunto de que me ocupo. Contudo, tentarei fazer-me compreender desde que releveis a imperfeição do estilo e da redação, porque há meses anseio ardentemente em me corresponder convosco, desde que meu filho me enviou os preciosos livros de instrução da Doutrina Espírita e dos médiuns.

“À noitinha, voltando do campo, avistei os livros que o carteiro trouxera. Apressei-me em jantar e deitar-me, mantendo uma vela acesa à cabeceira, pensando em ler até que o sono viesse fechar-me os olhos. Mas li a noite inteira com tal avidez que não tive a mínima vontade de dormir.”

Segue a enumeração das causas que o haviam levado à absoluta incredulidade religiosa e que não mencionamos por uma questão de respeito.

“Todas essas considerações repassavam diariamente por meu espírito; o desgosto apoderara-se de mim; eu havia caído num estado de cepticismo duríssimo; depois, em minha triste solidão de aborrecimento e desespero, estava decidido a pôr termo a meus dias tão infelizes pelo suicídio.

“Ah! Senhor! Não sei se alguém jamais poderá fazer uma idéia do efeito sobre mim produzido pela leitura de *O Livro dos Espíritos*. Renasceu a confiança, o amor de Deus se me apoderou do coração e eu sentia como se um bálsamo divino se espalhasse em todo o meu ser. Ah! dizia a mim mesmo, em toda a vida busquei a verdade e a justiça de Deus e não encontrei senão abusos e mentiras; e agora, na velhice, tenho a felicidade de encontrar essa verdade tão desejada. Que mudança em minha situação que, de tão triste, tornou-se tão ditosa! Agora me acho continuamente em presença de Deus e de seus Espíritos bem-aventurados, meu criador, protetores, amigos fiéis. Creio que as mais belas expressões poéticas seriam insuficientes para figurar uma situação tão agradável. Quando meu peito fraco o permite, busco distrair-me entoando hinos e cânticos que, parece, lhes são mais agradáveis. Enfim, sou feliz, graças ao Espiritismo. Ultimamente escrevi a meu filho que, ao me enviar aqueles livros, tornou-me mais feliz do que se me tivesse aquinhoado com a mais brilhante fortuna.”

Segue-se um relato pormenorizado de ensaios de mediunidade, feitos na cidade, entre vários adeptos, com os resultados obtidos. Entre aqueles achavam-se alguns médiuns, um dos quais parece notável. Chamaram pais e

amigos, que lhes vieram dar provas incontestáveis de identidade, e Espíritos superiores, que lhes deram excelentes conselhos.

“Todas essas evocações chegaram aos ouvidos do vigário, pelas pessoas de língua solta que, em grande parte, as desnaturaram. Em 18 de maio último, ao dar lições de catecismo aos seus alunos da primeira comunhão, o vigário despejou milhares de injúrias contra a casa C... (um dos principais adeptos) e contra mim. Depois, disse ao filho de C...: ‘Não te quero; mas em dois anos serás bastante forte para ganhar a vida. Aconselhe-te que deixes teus pais, pois não são capazes de te dar bons exemplos.’ Eis um belo catecismo! No sermão da tarde subiu ao púlpito de propósito, para repetir o discurso que fizera aos alunos pouco antes, dizendo com muita volubilidade que não reconhecíamos o inferno; que não hesitaríamos em nos dedicar ao roubo e à rapinagem para nos enriquecermos à custa alheia; que nos dávamos a sortilégios e superstições da Idade Média, e mil outras invectivas.

“A propósito, escrevi uma carta ao procurador imperial de M...; mas antes de enviá-la quis consultar o Espírito São Vicente de Paulo na primeira reunião. Esse Espírito bom fez o médium escrever o seguinte: ‘Lembrai-vos destas palavras do Cristo: *Perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.*’ Depois disto, queimei a carta.

“O ruído desta doutrina espalha-se por todos os vilarejos circunvizinhos. Muitos me pediram e encomendaram livros, mas não os tenho; todos os que compreendem um pouco a leitura querem ler, passando-os de mão em mão.”

“Depois de haver lido *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, meu primeiro cuidado foi fazer experiências para ver se eu podia ser médium. Nada tendo obtido durante oito dias, escrevi a meu filho e comuniquei-lhe o fracasso. Como residisse

com ele um magnetizador, este propôs que eu escrevesse uma carta, que ele magnetizaria, e com ela eu poderia fazer a evocação de minha morta. O pobre magnetizador não imaginava que me fornecia o chicote para o açoitar. Com isto tornei-me médium audiente; pus-me novamente em posição de escrever e imediatamente disseram-me ao ouvido: ‘Procuram enganar teu filho.’ Durante três dias consecutivos, com uma força progressiva, este aviso me vinha ao ouvido e desviava a atenção que eu devia prestar ao que fazia. Escrevi a meu filho sobre o caso, advertindo-o para que desconfiasse daquele homem. Na volta do correio ele me respondeu, censurando-me as dúvidas que eu levantara contra aquele homem, o qual gozava de toda a sua confiança. Poucos dias depois recebi dele uma nova carta, vazada em linguagem diferente, dizendo que havia expulsado o infeliz malandro que, aparentando honestidade, servia-se de sua suposta qualidade para melhor conquistar suas vítimas. Expulsando-o, mostrou-lhe a minha carta que, de uma distância de cem léguas, o havia pintado tão bem.”

Esta carta dispensa comentários. Vê-se que o sermão do vigário produziu efeito no meio dos aldeões, como alhures. Se, em tal circunstância, foi o diabo que tomou o nome de São Vicente de Paulo, o vigário lhe deve ser grato. Não temos razão para dizer que os próprios adversários fazem a propaganda e, sem o quererem, servem à nossa causa? Digamos, todavia, que fatos desta natureza constituem exceções, e não a regra; pelo menos preferimos pensar assim. Conhecemos muitos eclesiásticos distintos, que deploram essas coisas, como impolíticas e imprudentes. Se nos apontam alguns atos lamentáveis, também nos mostram um bom número de um caráter verdadeiramente evangélico. Um sacerdote dizia a um de seus penitentes, que o consultava sobre o Espiritismo: “Nada acontece sem a permissão de Deus; assim, tais coisas só acontecem por sua vontade.” Um moribundo mandou chamar um padre e lhe disse: “Meu pai, há cinqüenta anos não mais freqüentava as igrejas e havia esquecido a Deus. Foi o Espiritismo que me reconduziu a Ele, razão por que vos mandei chamar antes de morrer. Dar-me-eis a absolvição? – Meu filho, responde o padre, os desígnios de Deus são impenetráveis; dai-lhe graças por vos haver enviado essa tábua de salvação; morrei em paz.” Poderíamos citar inúmeros casos semelhantes.

Reconciliação pelo Espiritismo

Muitas vezes o Espiritismo tem provado a sua benéfica influência, ao restabelecer a boa harmonia nas famílias ou entre os indivíduos. Disso temos numerosos exemplos, na maioria casos íntimos que nos foram confiados, por assim dizer, sob o selo da confissão, não nos cabendo, pois, revelá-los. Já não temos o mesmo escrúpulo para o fato seguinte, de extraordinário interesse:

Um capitão de navio mercante do Havre, que conhecemos pessoalmente, é, ao mesmo tempo, excelente espírita e bom médium. Havia iniciado vários homens de sua tripulação na Doutrina Espírita e só tinha motivos para se felicitar pela ordem, disciplina e bom comportamento. Tinha a bordo seu irmão de dezoito anos e um aprendiz de piloto de dezenove, ambos bons médiuns, animados de uma fé viva e que recebiam com fervor e reconhecimento os sábios conselhos de seus Espíritos protetores. Uma noite, porém, entraram em contenda; das palavras foram às vias de fato, de sorte que marcaram um encontro para a manhã seguinte, a fim de se baterem num canto qualquer da embarcação. Tomada a decisão, separaram-se. À noite sentiram vontade de escrever e, de seu lado, cada qual recebeu dos guias invisíveis uma severa admoestação sobre a futilidade de sua discussão e conselhos sobre a felicidade da amizade, com um convite para se reconciliarem, sem preconceitos. Movidos pelo mesmo sentimento, os dois jovens deixaram simultaneamente seu lugar e vieram chorando lançar-se nos braços um do outro. A partir daí, nenhuma nuvem veio turvar a harmonia entre eles.

Foi o próprio capitão que fez o relato. Vimos o seu caderno de comunicações espíritas, bem como a caderneta dos dois jovens, de onde extraímos aquela de que acabamos de falar.

O fato seguinte ocorreu com o mesmo capitão, numa de suas travessias. Temos o prazer de transcrevê-lo, não obstante

estranho ao assunto. – Ele estava em alto mar, com o melhor tempo do mundo, quando recebeu a seguinte comunicação: “Toma todas as precauções; amanhã às duas horas desabará uma borrasca e teu navio correrá grande perigo.” Como nada fazia prever mau tempo, o capitão logo pensou numa mistificação. Entretanto, para não se censurar, caso a tempestade rebentasse, tomou medidas que se revelaram acertadas, porquanto à hora predita desencadeou-se violenta tempestade. Durante três dias o navio enfrentou os maiores perigos, pelos quais jamais havia passado; graças, porém, às precauções tomadas, escapou sem acidentes.

O caso da reconciliação sugeriu-nos as seguintes reflexões.

Um dos resultados do Espiritismo *bem compreendido* – chamamos a atenção para a expressão: *bem compreendido* – é desenvolver o sentimento de caridade. Mas, como se sabe, a própria caridade tem uma acepção muito ampla, desde a simples esmola até o amor aos inimigos, que é o supra-sumo da caridade. Pode-se dizer que ela resume todos os nobres impulsos da alma para com o próximo. O verdadeiro espírita, como o verdadeiro cristão, pode ter inimigos – não os teve o Cristo? – mas não é inimigo de ninguém, pois está sempre disposto a perdoar e a pagar o mal com o bem. Se dois espíritas verdadeiros outrora tiverem tido motivos para recíproca animosidade, sua reconciliação será fácil, porque o ofendido esquece a ofensa e o ofensor reconhece a falta. Desde então não mais querelas, porquanto serão indulgentes entre si e farão mútuas concessões. Nenhum deles procurará impor ao outro um perdão humilhante, que irrita e fere em vez de acalmar.

Se, em tais condições, dois indivíduos podem viver em boa harmonia, o maior número também o pode. E, então, serão tão felizes quanto é possível sê-lo na Terra, porque a maior parte de nossas tribulações surge do contato com os maus. Suponhamos uma nação inteira imbuída de tais princípios: não será a mais feliz

do mundo? Aquilo que apenas é possível para os indivíduos – dirão uns – é utopia para as massas, a não ser que ocorra um milagre. Pois bem! O Espiritismo já operou esse milagre, várias vezes, em escala menor, nas famílias desunidas, onde restabeleceu a paz e a concórdia. O futuro provará que o pode fazer em grande escala.

Resposta ao Convite dos Espíritas de Lyon e de Bordeaux

Meus caros irmãos e amigos espíritas de Lyon.

Apresso-me em vos dizer o quanto sou sensível ao novo testemunho de simpatia que acabais de dar-me, com o amável e afetuoso convite para vos visitar ainda este ano. Aceito-o com prazer, porque, para mim, é sempre uma felicidade encontrar-me em vosso meio.

Meus amigos: grande é a minha alegria ao ver a família crescer a olhos vistos; é a mais eloqüente resposta aos tolos e ignóbeis ataques contra o Espiritismo. Parece que tal crescimento lhes aumenta o furor, porque hoje mesmo recebi uma carta de Lyon, anunciando a remessa de um jornal dessa cidade, *La France littéraire*, no qual a doutrina em geral, e minhas obras em particular, são ridicularizadas de maneira tão infamante que me perguntam se devem responder pela imprensa ou pelos tribunais. Digo que devem responder pelo desprezo. Se a doutrina não fizesse nenhum progresso, se minhas obras não tivessem vingado, ninguém se inquietaria e nada diriam. São os nossos sucessos que exasperam os inimigos. Deixemo-los, pois, dar livre expansão à sua raiva impotente, pois essa raiva mostra como sentem próxima a sua derrota; não são tão tolos a ponto de lutarem por um aborto. Quanto mais ignóbeis forem os seus ataques, menos estes devem ser temidos, porque são desprezados pelas pessoas honestas e provam que aqueles não têm boas razões a opor, uma vez que só sabem dizer injúrias.

Continuai, pois, meus amigos, a grande obra de regeneração, iniciada sob tão felizes auspícios, e em breve colhereis os frutos da vossa perseverança. Provai, sobretudo pela união e pela prática do bem, que o Espiritismo é a garantia da paz e da concórdia entre os homens, e fazei que, em se vos vendo, se possa dizer que seria desejável que todos fossem espíritas.

Sinto-me feliz, meus amigos, por ver tantos grupos unidos no mesmo sentimento, marchando de comum acordo para o nobre objetivo a que nos propomos. Sendo tal objetivo exatamente o mesmo para todos, não poderia haver divisões; uma mesma bandeira deve guiar-vos e nela está escrito: *Fora da caridade não há salvação*. Ficai certos de que em torno dela é que a Humanidade inteira sentirá necessidade de se congregar, quando se cansar das lutas engendradas pelo orgulho, pela inveja e pela cupidez. Esta máxima, verdadeira âncora de salvação, porque será o repouso depois da fadiga, o Espiritismo terá a glória de ser o primeiro a havê-la proclamado. Inscrevei-a em todos os locais de reunião e em vossas residências. Que, doravante, ela seja a palavra de união entre todos os homens sinceros, que querem o bem, sem segunda intenção pessoal. Mas fazei melhor ainda: gravai-a em vossos corações e, desde já, fruireis a calma e a serenidade que aí encontrarão as gerações futuras, quando ela for a base das relações sociais. Sois a vanguarda; deveis dar exemplo, a fim de encorajar os outros a vos seguirem.

Não vos esqueçais de que a tática de vossos inimigos *encarnados e desencarnados* é dividir-vos. Provai-lhes que perderão o tempo se tentarem suscitar entre os grupos sentimentos de inveja e rivalidade, que seriam uma apostasia da verdadeira doutrina espírita cristã.

As *quinzentas* assinaturas que subscrevem o convite que houvestes por bem me enviar representam um protesto contra essa tentativa, e ainda há várias outras que terei o prazer de aí ver. Aos

meus olhos é mais que simples fórmula: é um compromisso para marcharmos nos caminhos que nos traçam os Espíritos bons. Conservá-las-ei preciosamente, porque um dia farão parte dos gloriosos arquivos do Espiritismo.

Ainda uma palavra, meus amigos. Indo ver-vos, uma coisa desejo: é que não haja banquete, e isto por vários motivos. Não quero que minha visita seja ocasião para despesas que poderiam impedir a presença de alguns e privar-me do prazer de ver todos reunidos. Os tempos são difíceis; importa, pois, não fazer despesas inúteis. O dinheiro que isto custaria será mais bem empregado em auxílio aos que, mais tarde, dele necessitarão. Eu vo-lo digo com toda sinceridade: o pensamento naquilo que fizerdes por mim em tal circunstância poderia ser uma causa de privação para muitos e me tiraria todo o prazer da reunião. Não vou a Lyon para me exhibir, nem para receber homenagens, mas para conversar convosco, consolar os aflitos, encorajar os fracos, ajudar-vos com os meus conselhos naquilo que estiver em meu poder fazê-lo. E o que de mais agradável me podeis oferecer é o espetáculo de uma união boa, franca e sólida. Crede que os termos tão afetuosos do vosso convite para mim valem mais que todos os banquetes do mundo, ainda que fossem oferecidos num palácio. O que me restaria de um banquete? Nada, ao passo que vosso convite fica como preciosa lembrança e um penhor de vossa afeição.

Até breve, meus amigos; se Deus quiser terei o prazer de vos apertar as mãos cordialmente.

A. K.

AO SR. SABÒ, DE BORDEAUX

Sinto-me sensibilizado pelo desejo que me testemunharam muitos espíritas de Bordeaux, de me verem ainda este ano entre eles. Se não surgir nenhum obstáculo imprevisto, tenho a intenção de lhes fazer uma pequena visita, ainda que fosse para lhes

agradecer a boa acolhida do ano passado. Mas eu vos seria muito reconhecido se lhes comunicásseis que não desejo que haja banquete. Não vou ao vosso meio para receber ovações, mas para dar instruções aos que delas sentem necessidade e com os quais terei o prazer de conversar. Alguns quiseram dar à minha visita o nome de visita pastoral; não desejo que tenha outro caráter. Crede que me sinto mais honrado com uma franca e cordial acolhida, a mais simples possível, do que com uma recepção cerimoniosa que nem convém ao meu caráter, nem aos meus hábitos, nem aos meus princípios. Se entre eles não reinasse a união, não seria um banquete que a produziria: ao contrário. Se ela existe, pode manifestar-se de outro modo, e não por uma festa, em que o amor-próprio pode encontrar guarida, mas que não tocaria um verdadeiro espírita, nem por uma despesa inútil, que seria mais bem empregada para aliviar o infortúnio. Cotizai-vos, pois, em minha intenção, se o quiserdes, e permiti que eu junte o meu óbolo; mas, em vez de desperdiçar o dinheiro, que ele sirva para alimentar aqueles a quem falta o necessário. Então será uma festa do coração, não do estômago. É preferível ser abençoado pelos infelizes a sê-lo pelos cozinheiros.

A sinceridade da união traduz-se por atos e, mais ainda, por atos íntimos do que por demonstrações aparatosas. Que, por toda parte, possa eu ver a paz e a concórdia reinarem na grande família; que cada um ponha de lado as vãs susceptibilidades, as rivalidades pueris, filhas do orgulho; que não tenham senão um objetivo: o triunfo e a propagação da doutrina, e que todos concorram com zelo, perseverança e abnegação de todo interesse e de toda vaidade pessoal. Eis o que para mim será uma verdadeira festa, o que me cumularia de satisfação e me permitiria trazer de minha segunda estada em Bordeaux a mais terna e agradável lembrança.

Peço-vos comuniquéis minhas intenções aos nossos irmãos espíritas e crer-me, etc.

A. K.

Julgamos por bem publicar estas duas respostas, a fim de não se equivocarem quanto aos sentimentos que nos guiam nas visitas que fazemos aos centros espíritas. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos de outras cidades que nos fizeram convite semelhante, lamentando que o tempo não nos permita ir a toda parte. Fá-lo-emos sucessivamente.

No momento em que as respostas estavam sendo impressas, um convite dos mais amáveis nos foi feito em nome dos membros da Sociedade Espírita de Viena, Áustria. Para nosso grande pesar, estamos de todo impossibilitado de ir lá este ano.

Poesias Espíritas

PEREGRINAÇÕES DA ALMA

À maneira do sangue, em gotas pequeninas
Que sai do coração por nossas veias finas,
Nossa vida a emanar da Luz da Divindade
Gravita ao infinito em busca à Eternidade

Nosso globo é local de prova e sofrimento;
É aí que estão o choro, os rangeres de dentes;
O inferno está aí, sim, e dele o livramento
Está na proporção dos males precedentes.

É assim que cada ser que deixa um mundo umbroso,
Mais ou menos se eleva a um outro mais etéreo.
Conforme puro então ou menos maculoso,
Seu ser se desenvolva ou ache outro critério.

Dos eleitos ninguém pode ao posto chegar
Sem que tenha expiado enfim seus malefícios,
Se com remorso, prece e constante pesar,
Seus males não cobrir um véu de benefícios.

O Espírito imperfeito ou alma em punição
Vem tomar novo corpo, aqui, para sofrer,
Renascer em família a cujo exemplo então
Depurar-se no bem, e de novo morrer.

Sua santa missão uma vez terminada,
Logo Deus o transporta a celeste esplendor,
E, progressivamente, é sua alma elevada
Ao infinito lar do oceano do amor.

Se em nossa marcha ocorre o término da prova,
Elevados com amor às santas regiões,
Iremos com triunfo, em harmonia nova,
Dos eleitos fazer crescer as legiões.

Para maior ventura e cúmulo de graça,
Aos que caros nos são Deus, lá, nos reunirá;
E unidos na afeição que santifica e enlaça,
No seu tão puro céu nos abençoará.

No bem, no belo, o modo enfim de ser mudando,
Alçar-nos-emos nós à sagrada cidade,
Onde veremos mais bem-estar alcançando,
Um tesouro sem fim de alta felicidade.

Desses mundos de luz galgando a escada imensa,
Mais depurados sempre e transpondo os confins,
Iremos terminar no ponto de nascença,
A renascer do amor radiosos serafins.

E de uma nova raça os primeiros seremos,
Os anjos guardiães dos homens que hão de vir,
Mensageiros de Deus dos ensinamentos que iremos
Enriquecer então os mundos do porvir.

De Deus tal é, eu creio, o seu real querer,
No imenso caminhar de nossa Humanidade,
Curvemo-nos, irmãos, sua ordem é poder;
Cantemos: “Glória a Deus por toda a Eternidade!”

B. Joly, ervanário de Lyon

Observação – Procurando bem, os críticos meticulosos talvez possam encontrar alguns defeitos nesses versos. Deixamos-lhes o encargo e consideramos apenas a idéia, cuja justeza, do ponto de vista espírita, ninguém pode ignorar. É bem a alma em

suas peregrinações para chegar, pelo trabalho depurador, à felicidade infinita. Um verso, entretanto, parece dominar esse fragmento, aliás muito ortodoxo e não o poderíamos admitir; é o que está expresso na quadra da epígrafe: “*Gravita ao infinito em busca à eternidade*” Se por isto entende o autor que a alma sobe incessantemente, resulta que jamais chegaria à felicidade perfeita. Diz a razão que a alma, sendo um ser finito, sua ascensão para o bem absoluto deve ter um limite; que, chegada a um certo ponto, não ficará em perpétua contemplação, aliás, pouco atraente e que seria uma perpétua inutilidade, mas terá uma atividade incessante e bem-aventurada, como auxiliar da Divindade.

O ANJO-DA-GUARDA

(Sociedade Espírita Africana – Médiun: Srta. O...)

Pobres homens, num mundo em convulsão,
 Com oração secai os prantos,
 E não temais ruja o trovão,
 Perto de vós há os anjos santos.
 Deus é tão bom. Deus vosso Pai,
 A todos vós sempre quis dar
 Um pequeno anjo que não cai
 No esforço de vos proteger.
 Escutai nossa voz amiga.
 Oh! Ver-vos cheios de alegria;
 E após a dor que vos fustiga
 Ao céu levar-vos com valia!
 Pudésseis vós sorrir nos ver
 Da vossa infância nos primeiros passos,
 Vossos olhos, mortais, nos nossos olhos ler
 Podiam nossa dor ao ver-vos nos maus laços!
 Mas escutai: Vos temos que ensinar
 O segredo, no bem, de vossa integração,
 Que a vós também, há de chegar
 Serdes, um dia, anjo guardião.
 Sim, quando terminar a vossa prova
 Deus vos receberá o Espírito esmerado,
 E vos enviará, na Terra, a uma alma nova,

Um belo nascituro a quem sereis levado.
Amai-o bem e que vossa assistência,
O pobrezinho tenha cada dia
De seu anjo guardião maternal companhia;
Por vossa vez, guiai com paciência
Vosso pupilo e irmão à dos céus moradia.

Observação – Este trecho e um outro, de certa extensão e não menos notável, intitulado: *A Criança e o Ateu*, que incluiremos no próximo número, foram publicados no *Echo de Sétif* (Argélia), de 31 de julho de 1862, precedidos da seguinte nota:

“Um dos nossos assinantes enviou-nos as duas poesias que se seguem, recebidas por um médium de Constantina, nos primeiros dias deste mês. Mesmo não os considerando isentos de crítica, do ponto de vista das regras de versificação, nós os reproduzimos porque explicam, pelo menos em parte, a Doutrina Espírita, que tende a se espalhar cada vez mais por toda a superfície do globo.”

Esse médium parece ter a especialidade da poesia. Já recebeu grande número de versos, que escreve com incrível facilidade, sem nenhuma rasura, embora não tenha noção das regras da versificação. Vimos um dos membros da Sociedade de Constantina, em presença do qual foram escritos.

Dissertações Espíritas

ESTUDOS URANOGRÁFICOS

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. Flammarion)

De certo modo as três comunicações abaixo constituem a iniciação de um jovem médium. Vê-se que prometem para o futuro. Servem de introdução a uma série de ditados que o Espírito se propõe fazer sob o título de *Estudos Uranográficos*.

Deixamos aos leitores a incumbência de lhes apreciarem a forma e o fundo.

I

Há tempos foi anunciado, aqui e alhures, por vários Espíritos e por diversos médiuns, que vos seriam feitas revelações sobre o sistema dos mundos. Fui chamado a contribuir, na ordem de meu destino, para que se realize tal predição.

Antes de abrir o que poderia chamar os nossos estudos uranográficos, importa firmar bem o primeiro princípio, a fim de que o edifício, sentado em bases sólidas, tenha em si as condições de durabilidade.

Este primeiro princípio, esta primeira causa é o grande e soberano poder que deu a vida aos mundos e aos seres; este preâmbulo a toda meditação séria é Deus! Ante esse nome venerado tudo se inclina e a harpa etérea dos céus faz vibrar as suas cordas de ouro. Filhos da Terra, vós que há tanto tempo balbuciais esse grande nome sem o compreender, quantas teorias audaciosas foram inscritas desde o começo das idades nos anais da filosofia humana! quantas interpretações erradas da consciências universal vieram à luz através das crenças antiquadas dos povos antigos! e ainda hoje, que a era cristã em seu esplendor raiou sobre o mundo, que idéia se faz do primeiro dos seres, do ser por excelência, daquele que é? Não vimos, nos últimos tempos, o panteísmo orgulhoso elevar-se soberbo até aquele que julgou acertado qualificar de ser absorvente, do grande todo, de cujo seio tudo saiu e no qual tudo deve entrar e um dia se confundir, sem distinção de individualidades? Não vimos o ateísmo grosseiro espalhar vergonhosamente o cepticismo, negador e corruptor de todo progresso intelectual, não obstante o que tenham dito os sofistas seus defensores? Seria interminável mencionar escrupulosamente todos os erros que foram aceitos a respeito do princípio primordial

e eterno; basta a reflexão para vos mostrar que o homem terreno errará sempre que pretender explicar este problema, insolúvel para muitos Espíritos desencarnados. É vos dizer implicitamente que deveis, ou, melhor, que devemos nos inclinar humildemente ante o Grande Ser; é vos dizer, filhos, que se está em nós nos elevarmos até a idéia do Ser Infinito, isto nos deve bastar e interditar a todos a orgulhosa pretensão de manter os olhos abertos diante do Sol, sem ficarmos logo enceguecidos pelo deslumbrante esplendor de Deus na sua eterna glória! Guardai bem isto, pois é o prelúdio de nossos estudos: Crede em Deus, criador e organizador das esferas; amai a Deus, criador e protetor das almas, e poderemos penetrar juntos humildemente e, ao mesmo tempo, estudiosamente, no santuário onde Ele semeou os dons de seu infinito poder.

Galileu

II

Havendo estabelecido o primeiro ponto de nossa tese, a segunda questão que se apresenta é a do poder que conserva os seres e que se convencionou chamar *Natureza*. Depois da palavra que tudo resume, aquela que representa tudo. Ora, o que vem a ser a natureza? Ouvi antes a definição do naturalista moderno; diz ele: *A Natureza é o trono exterior do poder divino*. A tal definição juntarei esta, que resume todas as idéias dos observadores: *A Natureza é o poder efetivo do Criador*. Atentemos para esta dupla explicação do mesmo vocábulo que, por uma maravilhosa combinação de linguagem, representa duas coisas à primeira vista tão diversas. Efetivamente a natureza, tal como entendida no primeiro sentido, representa o efeito, cuja causa é expressa no segundo. Uma paisagem de vastos horizontes, com árvores frondosas, sob as quais sentimos a vida subir na seiva; uma campina esmaltada de flores odoríferas e coroada pelo sol: isto se chama *Natureza*. E se quisermos designar a força que orienta os astros no espaço e faz germinar na terra o grão de trigo? É ainda a *Natureza*. Que a

constatação dessas várias denominações seja para vós uma fonte de profundas reflexões; que sirva para vos ensinar que, se nos servimos da mesma palavra para expressar o efeito e a causa é que, realmente, causa e efeito são uma só. O astro atrai o astro no espaço segundo leis inerentes à constituição do Universo e é atraído com a mesma força que a que nele reside. Eis a causa e o efeito. O raio solar perfuma a flor, e a abelha aí vai buscar o mel; aqui, o perfume é ainda efeito e causa. Seja onde for que na Terra apontais o olhar, podereis constatar esta dupla natureza. Concluamos daí que se a Natureza é, como a denominei, a força efetiva de Deus, ao mesmo tempo é o trono de seu poder; é, simultaneamente, ativa e passiva, efeito e causa, matéria e força imaterial; é a lei que cria, que governa, que embeleza; é o ser e a imagem; é a manifestação do poder criador, infinitamente belo, infinitamente admirável, infinitamente digno da vontade da qual é a mensageira.

Galileu

III

Nosso terceiro estudo terá por tema o espaço.⁴⁴

Já muitas definições de espaço foram dadas, sendo a principal esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos, na qual certos sofistas deduziram que onde não haja corpos não haverá espaço. Nisto foi que se basearam alguns doutores em teologia para estabelecer que o espaço é necessariamente finito, alegando que certo número de corpos finitos não poderia formar uma série infinita e que, onde acabassem os corpos, igualmente o espaço acabaria.

Também definiram o espaço como sendo o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde a matéria atua, etc. Deixemos

44 N. do T: Vide *A Gênese*, capítulo VI, item 1 – *O espaço e o tempo*.

todas essas definições, que nada definem, nos tratados onde repousam.

Espaço é uma dessas palavras que exprimem uma idéia primitiva e axiomática, de si mesma evidente, e a cujo respeito as diversas definições que se possam dar nada mas fazem do que obscurecê-la. Todos sabemos o que é o espaço e eu apenas quero firmar que ele é infinito, a fim de que os nossos estudos ulteriores não encontrem uma barreira opondo-se às investigações do nosso olhar.

Ora, digo que o espaço é infinito, pela razão de ser impossível se lhe imaginar um limite qualquer, e porque, apesar da dificuldade com que topamos para conceber o infinito, mais fácil nos é avançar eternamente pelo espaço, em pensamento, do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para figurarmos, quanto no-lo permitam as nossas limitadas faculdades, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que percorre *milhares de léguas por segundo*, e que, havendo percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo, nos achamos num lugar de onde apenas o divisamos sob o aspecto de pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre a mesma direção, chegamos a essas estrelas longínquas que mal percebeis da vossa estação terrestre. Daí, não só a Terra nos desaparece inteiramente do olhar nas profundezas do céu, como também o próprio Sol, com todo o seu esplendor, se há eclipsado pela vastidão que dele nos separa. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma profusão com que semeou as plantas nas pradarias terrenas.

Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos nos passaram sob as vistas e, entretanto, escutai! em realidade, não avançamos um só passo que seja no Universo.

Se continuarmos durante séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *sempre com a mesma velocidade do relâmpago*, também nem um passo teremos avançado, seja qual for o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhamos, a partir desse grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra.

Eis aí o que é o espaço!

Galileu

FÉRIAS DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS

(Sociedade Espírita de Paris, 1º de agosto de 1862 – Médiun: Sr. E. Vézzy)

Ides separar-vos por algum tempo, mas os Espíritos bons estarão sempre com os que lhes pedirem auxílio e apoio.

Se cada um de vós deixa a mesa do mestre, não é apenas para exercício ou repouso, mas ainda para servir, onde quer que vos espalheis, à grande causa humanitária, sob cuja bandeira viestes vos abrigar.

Bem compreendeis que para o espírita fervoroso não há horas determinadas para o estudo; toda a sua vida não é mais que uma hora, curta demais para o trabalho a que se dedica: o desenvolvimento intelectual das raças humanas!...

Os galhos não se destacam do tronco porque deste se afastem; ao contrário, dão lugar a novos brotos que os unem e os tornam solidários.

Aproveitai estas férias que vão espalhar-vos, para vos tornardes ainda mais fervorosos, a exemplo dos apóstolos do Cristo; saí deste cenáculo fortes e corajosos; que vossa fé e vossa boas obras liguem em torno de vós milhares de crentes, que bendirão a luz que espalhareis em vosso redor.

Coragem! Coragem! no dia do encontro, quando a auriflama do Espiritismo vos chamar ao combate e se desdobrar sobre vossas cabeças, que cada um tenha em torno de si os adeptos que houver formado sob sua bandeira, e os Espíritos bons contarão o seu número e o levarão a Deus!

Não durmais, pois, espíritas, à hora da sesta; vigiai e orai! já vos disse e outras vezes vo-lo repetirão, soa o relógio dos séculos, uma vibração retine, chamando os que se acham na noite. Infelizes dos que não quiserem apurar o ouvido para escutá-la!

Ó, espíritas, ide despertar os dorminhocos e dizei-lhes que vão ser surpreendidos pelas vagas do mar que sobe em rugidos surdos e terríveis; ide dizer-lhes que escolham um lugar mais iluminado e mais sólido, porque eis que os astros declinam e a Natureza inteira se move, treme e se agita!...

Mas após as trevas eis a luz; aqueles que não tiverem querido ver e nem ouvir imigrarão naquela hora para mundos inferiores para expiar e esperar muito tempo, mui longamente os novos astros que devem elevar-se e os esclarecer! O tempo lhes parecerá uma eternidade, porquanto não entreverão o termo de suas penas até o dia em que começarem a crer e compreender.

Espíritas, não mais vos chamarei crianças, mas homens, homens valentes e corajosos! Soldados da nova fé: combatei valentemente; armai o braço com a lança da caridade e cobri o corpo com o escudo do amor. Entrai na liça! alerta! desprezai o erro e a mentira e estendei a mão aos que vos perguntarem: “Onde está a luz?” Dizei-lhes que os que caminham guiados pela estrela do

Espiritismo não são pusilânimes, não temem miragens e não aceitam como leis senão aquilo que ordena a fria e sã razão; que a caridade é a sua divisa e que só se despojam por seus irmãos em nome da solidariedade universal e jamais para ganharem um paraíso, que sabem muito bem não poderem possuir senão quando tiverem expiado bastantel... que conheçam a Deus e que, antes de tudo, saibam que ele é imutável em sua justiça e, conseqüentemente, não pode perdoar uma vida de faltas acumuladas por um segundo de arrependimento, como não pode punir uma hora de sacrilégio por uma eternidade de suplício!...

Sim, espíritas, contai os anos de arrependimento pelo número de estrelas; a idade de ouro virá para aquele que tiver sabido contá-las!...

Ide, pois, trabalhadores e soldados e que cada um volte com a pedra ou o calhau que deve auxiliar a construção do novo edifício. Em verdade vos digo: desta vez não tereis mais de temer a confusão, embora querendo elevar até o céu a torre que o coroará; ao contrário, Deus estenderá a sua mão no vosso caminho, a fim de vos pôr ao abrigo dos furacões.

Eis a segunda hora do dia, eis os servidores que vêm de novo da parte do Mestre procurar trabalhadores; vós, que estais desocupados, vinde! não espereis a última hora!...

Santo Agostinho

Aos Centros Espíritas que Devemos Visitar

O número de centros que nos propomos visitar, aliado à extensão do trajeto, não nos permite consagrar a cada um o tempo que desejaríamos. Julgamos útil aproveitar o melhor possível

esse tempo para instrução. Com esse objetivo é nossa intenção responder, tanto quanto nos for possível, às perguntas sobre as quais desejam esclarecimentos. Temos notado que, quando fazemos tal proposta durante as reuniões, geralmente não sabem o que perguntar e muitas pessoas se calam por timidez ou por dificuldade de exprimir o seu pensamento. Para evitar este duplo inconveniente, pedimos que preparem as perguntas previamente e por escrito, e nos entreguem a lista antes da reunião. Assim poderemos classificá-las metodicamente, excluir repetições e responder de modo mais satisfatório para todos, refutando, ao mesmo tempo, as objeções à doutrina.

Ao Sr. E. K.

Nada tenho a ver com a inscrição de que me fala em sua carta de 2 de agosto, datada de Guingamp, por uma razão muito simples: nunca estive na Bretanha. E acrescento que jamais conheci esse *Manè*, *Thécel*, *Pharès* de outro gênero, como o chamais. Se ele pôde produzir em vós uma impressão salutar, agradeça ao seu autor desconhecido. Em todo o caso, terei satisfação em vos receber quando vierdes a Paris, onde, entretanto, só estarei de volta nos primeiros dias de outubro. Será um prazer dar verbalmente todas as instruções que desejardeis.

Allan Kardec